O PROBLEMA NACIONAL DOS PAINÉIS

NÃO HÁ QUALQUER MISTÉRIO INICIAL

MAS TROPEÇAMOS AINDA COM MISTÉRIOS MAL URDIDOS

Por JOSÉ DE BRAGANÇA

FOI Voltaire quem fez, talvez, o melhor elogio da língua francesa, nestas breves palavras: *Ce qui n'est pas clair n'est pas français.*

Tentou-me aplicá-las ao nosso vernáculo e propor: O que não é claro não é português.

Lembrado de tão salutar preceito, no meu último artigo qualifiquei de «cabalística» certa geometria que se diz «revelada», numa atitude que melhor define o seu expositor em opúsculo sobre o mesmo assunto.

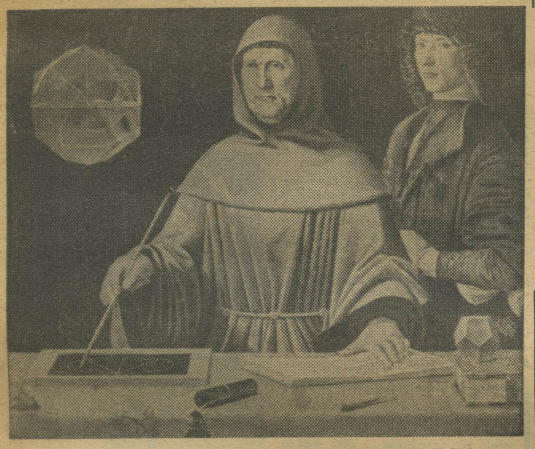
Transcrevo as primeiras linhas:

«Fizeste mal em publicar os teus tratados acroamáticos». (Plutarco, carta de Alexandre a Aristóteles).

E segue a explicação ao leitor:

«Acroamático (o que se escuta) ou esotérico, da doutrina secreta, transmitida oralmente só aos iniciados.

Fica desde logo bem patente o propósito de envolver, em misteriosas obscuridades, noções tão claras como são as da geometria, que no século XV, em Itália sobretudo, se divulgaram entre os artistas, pelo convívio e pela pena de Piero della Francesca, Leon Batista Alberti, e do frade Luca Pacioli, os quais as retomaram dos textos esquecidos de Euclides e Vitrúvio e as aplicaram à resolução dos problemas da perspectiva na pintura do Renascimento.



Retrato de Luca Pacioli, com o auto-retrato de Jacopo de Barbari

É certo que a sua linguagem arcaica, entretecida de expressões místicas, se pode prestar a confusões. E quem cair de chofre sobre esses textos, sem «cultura livresca» e sem elementares noções actuais, arrisca-se a tentar voos para o céu anacrónico do pseudo Denis Areopagita.

Eis algumas expressões correntes desse linguajar teorizante: «Divina Proporção; secção áurea; medida áurea; média e extrema razão; efeitos: essencial, inefável, incomparável, supremo, etc., etc.».

Ora a «divina proporção» do frade citado reduz-se a uma relação de valores, de que «média e extrema razão» são os termos, e que um simples quebrado pode exprimir.

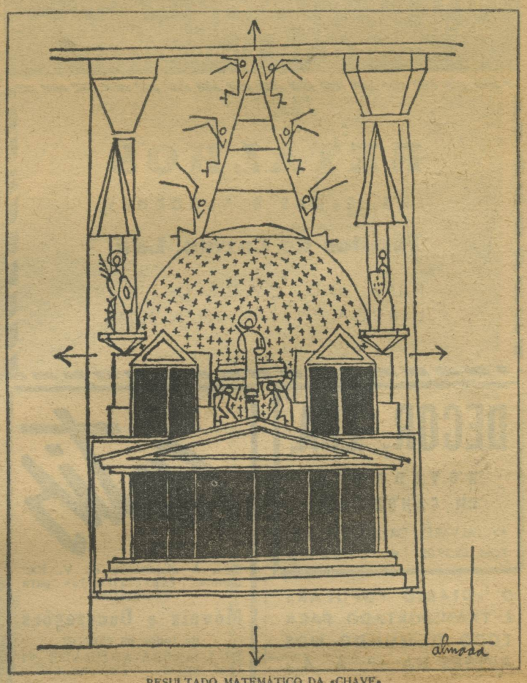
Mas quando, nos artigos de um jornal de grande tiragem, se escrevem tais palavras, sem prévio esclarecimento, que efeito pode esperar-se senão a confusão do público?

Esta brotoeja de pretensões super-geométricas inflamou-se entre alguns pintores da nossa geração. E o maior culpado foi o príncipe Ghyka — um romeno da Valáquia «bem parisiense» (que visitava há 30 anos o senhorio da minha ex-sogra, outro príncipe romeno, Antoine Bibesco, o qual adquirira aquele prédio do tempo de Luis XIV na ilha de S. Luis).

Nessa época, publicou Ghyka o primeiro volume de *Le Nombre d'Or*, e nele se ressuscitavam as divagações conceituosas dos teóricos do Renascimento.

Dez anos antes, nessa mesma casa de minha sogra, já Guillaume Apollinaire semeava a confusão entre os convivas, escritores e artistas, quase todos eles mais pretensiosos que sensatos ou sábios, e, numa imaginosa linguagem de choque, à maneira dos Simbolistas, metia na baralha a 4.ª dimensão, as investigações da acústica que haviam

(Continua nas págs. centrais)



RESULTADO MATEMÁTICO DA «CHAVE»
NO TODO DO ALTAR DE S. VICENTE NA SÉ DE LISBOA,
PERFEITO COM TODOS OS DOCUMENTOS APRESENTADOS PELOS ESTUDIOSOS

O que a «chave» dava em 1950...

PORTUGAL NO CONGRESSO INTERNACIONAL DE CRÍTICA LITERÁRIA

REALIZA-SE no Brasil, na cidade do Recife, de 8 a 14 de Agosto próximo, o Congresso Internacional de Crítica Literária. Entre os congressistas presentes aos debates contam-se, além doutros escritores europeus, Jean-Paul Sartre, Simone de Beauvoir, Alberto Moravia e Roger Caillois. Para representar o nosso país, foram convidados o poeta e ensaísta Jorge de Sena e o escritor José Cardoso Pires, que ali se encontra a preparar a futura actividade de uma editora portuguesa no Brasil.

QUINTA-FEIRA à tarde

N.º 187

CONTOS E REPORTAGENS

—DOIS GRANDES CONCURSOS ORGANIZADOS PELO «DIÁRIO POPULAR»

O «Diário Popular» volta este ano, como já efectuou, com pleno êxito, em anos anteriores, a promover um «Concurso de Contos» e um «Concurso de Reportagens». Trata-se de um estímulo e de uma possibilidade de revelação para quantos dos nossos leitores sentem vocação para as letras e o jornalismo. Nos últimos destes concursos por nós realizados, o número de produções — quer em reportagens, quer em contos — foi excepcionalmente elevado, o que mostrou, com toda a clareza, o interesse que provocou.

Recordamos que dois dos vencedores do último «Concurso de Reportagens», seguindo o estabelecido no artigo V do regulamento, fazem hoje parte da Redacção do «Diário Popular».

Inserimos, a seguir, os regulamentos dos dois referidos concursos:

Regulamento do concurso de contos

1.º — Entre os leitores do «Diário Popular» é aberto concurso, durante o próximo mês de Agosto, para apresentação de contos originais e inéditos.

§ único — Os concorrentes podem apresentar mais do que um trabalho.

2.º — Das produções assinadas com pseudónimo, enviarão os concorrentes três exemplares dactilografados a dois espaços.

§ 1.º — Os contos não deverão exceder seis folhas de papel comercial, escritas de um só lado.

§ 2.º — Em sobrescrito fechado e lacrado, com indicação exterior do pseudónimo, conter-se-ão o nome e a morada do concorrente.

3.º — As produções acompanhadas do sobrescrito revelador da identidade e ma-

(Continua na 5.ª pág.)

ÉSQUILO NAS OLIMPÍADAS

Durante os Jogos Olímpicos será exibida a «Orestíade», de Esquilo, única trilogia da Grécia antiga que chegou aos nossos dias.

Os espectáculos deverão realizar-se de 20 de Agosto a 10 de Setembro, com a colaboração do conjunto artístico romano «Teatro Popular Italiano», dirigido pelo actor Vittorio Gassman.

NÃO CHEGOU AINDA O MOMENTO DE PUBLICAR O QUE ALGUNS ESPÍRITOS CURIOSAMENTE INTERESSADOS CHAMAM O MEU SEGREDO.

O PROBLEMA NACIONAL DOS PAINÉIS

OS PAINÉIS NÃO FORAM — NEM PODIAM SER DESTINADOS À CAPELA DO FUNDADOR, NA BATALHA

(Continuação da 1.ª pág.)

de dar uma revolução da harmonia, o dodecafonismo, e, nas pisadas iconoclastas do futurismo e do cubismo, o sincronismo pictórico, o surrealismo e todo o cortejo de *ismos* que se atropelam para se suceder.

Compilação quinhentista de obras de Leon Batisto Alberti (1407-1472), contendo o tratado Della Statua, *os dois livros* Della Pittura *e as* Piacevolezze Mathematiche. *Exemplar que pertenceu ao arquitecto Manuel da Maia*

Apollinaire era um poeta cultíssimo, e adivinhara, como Picasso, a época em que entrávamos. Se a morte o não ceifa tão cedo, seria, como este, um grande triunfador.

As palavras valiam como ideias: cores *puras*, pintura *pura*, música *pura* — e Erik Satie tocava-nos os seus «Morceaux en forme de poire».

Emergindo de um molho confusionista, criado pelos críticos de arte, que, não encontrando imagens substantivas para julgar de uma pintura que ia deixando de o ser, os pintores sem olhos lançaram-se na via de um subjectivismo cada vez mais abstracto, abrindo assim avenidas à veleidade de uma plástica também absoluta.

Plástica abstracta!

A palavra, como o homem, desvanece-se do seu valor próprio, na confusão do século. E hoje já temos professores de tecnologia do abstracto...

... TOLO PARECERIA SE COMUNICASSE OS RESULTADOS DO TRABALHO ANTES QUE SE VERIFIQUEM AS CONDIÇÕES NORMAIS DE ACESSO ÀS FONTES DE INVESTIGAÇÃO E SE ACABE COM A DISCRIMINAÇÃO ENTRE PERSONNAE GRATAE E AS OUTRAS

Aonde nos vai levando o pavor de não parecer moderno, a furia de avançar para algo de novo, sem o impulso interior capaz de o realizar sinceramente!

O verdadeiro criador, em artes plásticas, não se apascenta de abstracto. As artes são e serão uma sublimação de emoções sensoriais, que se dirigem aos sentidos também e, através deles, ao intelecto.

Só o gosto muda, com os tempos, à maneira das modas. E por isso o que fica fora da moda passa a ser mau-gosto — provisòriamente, às vezes.

O caso do pintor Greco, o gosto perdido e reencontrado dos Primitivos, exemplificam estas intercadências de bom e de mau gosto. A grande arte, porém, é a que supera essas contingências — para perdurar.

•

O fluir da pena desviou-me um tanto do que importa agora. Voltemos ao cerne.

Não foi pelos seus êxtases diante de um poliedro que Piero della Francesca se impôs à posteridade. Foi pela sua pintura, equilibrada e sòbriamente construída sobre a razão geométrica, que resolvia, numa superfície, os problemas espaciais — a perspectiva.

Outros grandes pintores, como Jan van Eyck, como Mathis Niethardt, fora da Itália, criaram obras maravilhosamente equilibradas, intensamente expressivas em que a perspectiva condiciona tudo, sem alarde.

E Donatello, que conviveu entre aqueles primeiros teorizantes da geometria, e das proporções arquitectónicas aplicadas à figura, quando lhe perguntaram quais as medidas que aplicava nas suas esculturas, respondeu mais ou menos isto:

— Eu tenho as medidas dentro de mim e não tomo outras.

As relações harmónicas criam-se instintivamente

(Continua na 9.ª pág.)

ANTOLOGIA DE REVELAÇÕES

SÓ LHE FALTA MAIS UNS DIAS DE SOL E DE CHUVA

ACABO de ler os contos e as poesias de Hugo Santos, com a convicção de que está aqui um escritor que começa a subir os degraus, com pé firme e olhar levantado. É certo que os contos não são uma obra acabada e nas poesias ainda o poeta há-de vencer outro degrau. Mas está tudo nestas folhas. Tudo como num fruto verde. Só lhe falta mais uns dias de sol e de chuva. E o borda-d'água diz que vêm.

Nas poesias já a mão é firme a recolar o que quebra e desvia.

«Menino doido e só,
linha partida pelo meio
e atada com um nó!

E um passo adiante a voz do poeta ergue-se tumultuosa e messiânica:

POEMA PARA QUALQUER DIA

Aqui sou eu dono!

Deste mundo de crianças nuas com estrelas nos olhos,
desta forte esperança que o sol venha um dia pintar novamente o cabelo
[de todos os homens,
desta ânsia de infinito tornada mar,
destes marinheiros-adolescentes talhando peixes brancos em cada limo,
destas rosas coloridas nas bocas das mulheres,
deste desejo — tão perto! — de realizar-me.

Aqui sou eu dono!

Destes cavalos espumando vento nas crinas içadas,
destas bandeiras brancas e rotas,
destes amantes que se amam para além do amor,
desta loucura dos poetas e dos doidos.

(Continua na 9.ª pág.)

«INFORMAÇÃO CULTURAL PORTUGUESA»

O mais completo repositório bibliográfico que interessa a toda a gente. Vai ser posto à venda o n.º 1, 158 páginas. Preço, 10$00

•

Acaba de ser publicada a 2.ª edição da antologia de ALMEIDA GARRETT. Edições *«Panorama»* contam já dezassete volumes publicados

•

«PANORAMA» — Revista Portuguesa de Arte e Turismo. Foi posto à venda o n.º 18 - III Série com o seguinte sumário: **Pórtico; Cartas de Eça de Queiroz aos seus editores Genelioux e Lugan, Marcello Caetano; Evolução das Relações Leste-Oeste, Adriano Moreira; Estações Termais e Marítimas do Algarve, Ascensão Contreiras; Cister de Coimbra, Fr. Maur Cocheril; Alvito, Pousada de Reis, Flórido de Vasconcelos; Um Aperto de Mão na Terceira, José Ervedosa; A Moderna Barragem de Picote, Maria Júlia de Castro; Jornadeando por Longos Vales, António Agra; A Suave Experiência, Francisco de Azevedo; Artistas Portugueses, Artur Bual; Documentário Gráfico da Vida Portuguesa; Escaparate Bibliográfico, Registo das Artes; Registo Teatral**

LETRAS

CRI

BIBLIOTECA FI

A actividade de pensar não se fomenta como qualquer actividade fabril. Isto é, não é transplantável como qualquer espécie exótica, agronómica ou silvestre. De certo modo, nasce quando nasce. Dependendo um pouco do meio e do querer, depende, no entanto, muito mais de factores indefiníveis e ocultos.

É ter presente a impensável irrupção das originárias fontes do pensamento helénico. Como explicar aquela incoercível apetência especulativa? Aquela proliferação de tantas inteligências e *escolas* inventivas de tantos modos de ver o real e o possível? Sabe-se lá... Todas as explicações puramente causais que queiram sugerir-se para tornar compreensível esse prodígio estão condenadas a falhar. Atribuir tal floração à atmosfera mediterrânica, não basta. Concebê-la como simples prolação da vocação mitogónica, ainda menos. Pressupor que essa proliferação de «filósofos» e «centros de fi-

Por SANT'ANNA DIONÍSIO

ARCO IRIS

POR iniciativa de Guedes de Amorim, o grande contista do Douro, dr. João de Araujo Correia, que vive na Régua, onde exerce clínica, foi recebido em Lisboa pela Sociedade Portuguesa de Escritores e pela Casa de Trás-os-Montes e Alto Douro. Realizou-se uma sessão solene na Casa da Imprensa e um banquete no Hotel Embaixador. Foi pena que do programa da recepção não fizesse parte uma visita oficial à Feira da Ladra, uma das curiosidades alfacinhas que João de Araujo Correia mais aprecia. Uma vez, que veio a Lisboa, foi lá e tanto feirou que, ao regressar ao hotel, parecia, não um comprador, mas um vendedor de antiguidades...

★

A casa portuense Moreira da Silva, especializada em floricultura, deu a uma nova rosa da sua obtenção o nome do brigadeiro França Borges. Pode-se dizer agora, com inteira propriedade, que o presidente da Câmara Municipal de Lisboa — é uma flor!

★

Certo jornalista perguntou a Brigitte Bardot em que idade o homem lhe parecia mais interessante. Resposta da vedeta:

(Continua na 9.ª pág.)

O PROBLEMA NACIONAL DOS PAINÉIS

(Continuação das págs. centrais)

dentro dos verdadeiros artistas. Não por mero acaso, mas exercitando o espírito de procura. É procurando que eles se acham, ao contrário dos que pretendem *achar*, destituídos desse sentido inato, ou desprezando-o, se o têm realmente.

*

É bem provável que o autor dos nossos Painéis tenha conhecido em Itália Piero della Francesca e Leon Batista Alberti, e com eles, ou com artistas do seu círculo, tenha havido práticas sobre geometria e perspectiva. Esta sua obra, mais conhecida, testemunha já, a esse respeito, um notável avanço sobre outras pinturas nossas da mesma data.

No entanto, há ainda quem o não veja assim, e afirme que a sua composição é amontoada e sem perspectiva, tal como a de uma tapeçaria.

Essa obra, que se apresenta tão notàvelmente equilibrada pela correspondência de valores simétricos, desde que eu a restituí à sua composição em políptico, resolve problemas espaciais assaz nìtidamente — e com particular felicidade nos painéis mais *estreitos*.

É preciso olhá-la, comparando os precedentes e levar em conta a evolução dessa difícil conquista, lenta e progressiva.

Só nos nossos dias, na ânsia desenfreada de novidades, na fúria insana de negação, se proclamou que a perspectiva era uma convenção, para a substituir por outra convenção bem mais absurda: um convencionalismo arbitrário, que zomba de todas as convenções — representem elas embora conquistas da inteligência — e nos oferece em troca uma representação falsamente ingénua que se esforça, em vãos sofismas, por não corresponder à realidade da percepção óptica.

Foi talvez por andar perdido nessa onda de pseudo-renovação visual que Almada Negreiros não tirou, das linhas dos ladrilhos que observou, a lição tão fàcilmente decorrente: a da composição una, do políptico, apresentado em dois trípticos, quando eu o levei ao museu, a ver que eles estavam erradamente dispostos.

Grande foi, pois, a sua surpresa, ao vê-los publicados, alguns dias depois, num conjunto convincente, que ele não suspeitara.

Por isso mesmo, talvez, se deitou depois a estudar geometria — como ele declara — e a procurar o *canon*, até chegar ao paradoxal conflito entre as suas grandes faculdades de desenhador original e as abstrusas locubrações de quem exorbita do que lê e as mais das vezes bem parece não compreender.

*

Os Painéis não foram — nem podiam ser — destinados à Capela do Fundador, na Batalha, por muitas razões de peso, a primeira das quais porque, não tendo o dom da ubiquidade, como concebê-los em outro lugar além do que lhes foi talhado de nascença?

Não chegou ainda o momento de publicar o que alguns espíritos curiosamente interessados chamam o meu *segredo*. Bem tolo seria quem trabalhasse o assunto durante uma vida inteira, para guardar só para si tal segredo.

Mas mais tolo pareceria se comunicasse os resultados do seu trabalho antes que se verifiquem as condições normais de acesso às fontes de investigação e antes que se acabe com a discriminação entre *personnae gratae* — e as outras.

A ditadura em matéria de arte, exercida por José de Figueiredo parece não se ter extinguido de todo com ele.

Mas, aguardando a hora em que *tudo* possa esclarecer-se à luz do meio-dia, basta considerar o que representa objectivamente aquele conjunto de seis tábuas — descartando os infelizes repintes.

A sua interpretação total faz dessa obra-mestra uma epopeia histórica, que tem de situar-se no tempo e no espaço — o que, evidentemente, se não consegue só com geometria, por mais abundantemente tracejada que seja.

Demais, a carência dessa geometria de chave esotérica está verificada: ela pronunciou-se já, sobrepondo-se a conjecturas anteriormente expostas por outrem.

Em 1950, o «resultado matemático da chave» de Almada Negreiros dava-nos «o todo do altar de S. Vicente na Sé de Lisboa».

A mesma chave, aplicada, aliás, sobre medidas mal tomadas, «reconstitui» agora novo conjunto, acrescido de cinco painéis díspares, na Capela do Fundador da Batalha.

Chave matemática ou gazua *passe-partout?*

17-VII-1960

JOSÉ DE BRAGANÇA

LANTOR

A NOVA ENTRETELA IDEAL PARA A CONFECÇÃO

ANTOLOGIA DE REVELAÇÕES

(Continuação das págs. centrais)

Aqui sou eu dono!

Deste mundo em que as viagens são feitas por caminhos de sonho,
destes roubos que nunca cometemos,
deste mundo sem o espaço descrito pelo motrador dos dias e das horas,
sem deuses a cheirar a bafio e a barro,
sem palavras gastas inùtilmente,
sem estas raízes tornadas preconceitos parvos,
sem este sabor a vazio e a nada.

Aqui sou eu dono!

Destes homens perdidos que se hão-de encontrar qualquer dia,
talvez quando os barcos se vestirem de rosas e de limos,
deste amor aberto como casas abertas,
deste sangue coalhado de sangue,
destas palavras apelando para a vida, gritando vida, espumando vida.

Aqui sou eu dono!

Aqui vivo com o corpo cravado de bandeiras brancas,
talhando em barro e areia um sonho a nascer,
um sonho comungado por todos os homens.

N. S. tenta o soneto com uma vontade digna do aplauso que aqui lhe damos. Escreve porque é esse o seu meio de expressão. Está certo. O resto é técnica. E a técnica é fácil de alcançar e dominar, quando se tem aquele sábio dedo que toca a viola. Ainda mal seguro duma técnica que dá garantias de vir a afirmar-se, Caetano Pereira apresenta nesta poesia reais provas do seu talento.

SENSAÇÃO OBLÍQUA

Sou lume
e ardo !...

Dei-me à vida
e tardo
em atingir o cume !

E ergo a minha prece
e vejo
que o meu Sol arrefece
e morre o meu desejo.

E sinto a vastidão dos Tempos
a perder-se,
e minto aos Sóis e aos Ventos...

E afundo-me
entre certezas mortas
e cinzas vivas !...

E para mostrarmos quanto o dia hoje correu alto aos poetas, fechamos com estes afinados ecos de B. C

I

Abri as arcas do tempo,
Feitas de lua e de mosto.
Como sai sangue moreno
Daquele misterioso rosto !
Como seus olhos me fitam,
Chamas de fria tristeza !
Como na sombra agonizam
Lentos murmúrios de reza !
E o calor da noite morta
Parado junto das velas
E larga porta, por onde,
Uma a uma, caem estrelas.

II

Deixa que o pranto se afogue
Numa agonia de limos.
Deixa que o luar se esconda
Como se escondem meninos
No jogo das escondidas.
Deixa que as mãos, sussurrantes,
Abram as portas à vida.
Deixa tudo como dantes,
O passado que é futuro,
O riso parece choro
E as coisas já são distantes

AS RELAÇÕES HARMÓNICAS CRIAM-SE INSTINTIVAMENTE DENTRO DOS VERDADEIROS ARTISTAS. NÃO POR MERO ACASO, MAS EXERCITANDO O ESPÍRITO DE PROCURA. É PROCURANDO QUE ELES ACHAM, AO CONTRÁRIO DOS QUE PRETENDEM ACHAR, DESTITUÍDOS DESSE SENTIDO INATO, OU DESPREZANDO-O, SE O TÊM REALMENTE.

LANTOR

UMA ENTRETELA ADEQUADA PARA CADA FIM

OS DOIS PIANOS DE RAVEL

(Continuação das págs. centrais)

contradições impostas à matéria sonora. É um refinamento dessa tendência de Ravel para encontrar um estímulo criador nos próprios domínios da arte ou mesmo da técnica.

No Concerto em sol maior há de certo modo a amplificação de um estilo de câmara, sendo os naipes ou os diversos instrumentos da orquestra tratados solisticamente. Maravilhosos efeitos de instrumentação são conseguidos através de estreita economia de meios. E no Concerto para a mão esquerda, quando justamente a matéria parecia impor severas limitações é um desenvolvido estilo virtuosístico que nos surge.

Mas há ainda mais. Enquanto o Concerto em sol maior, de feição um pouco mais livre e improvisada, se estende por três andamentos, o Concerto para a mão esquerda, muito mais esruturado e elaborado na sua forma, comprime-se, sintetiza-se num andamento só.

E sob um ponto de vista estritamente pianístico, pertencem as duas peças a linhas nitidamente diferentes. O Concerto em sol maior prolonga a clareza neo-clássica de linhas da «Sonatina» e do «Túmulo de Couperin»; o outro recorda os fantasmas nocturnos e o terror romântico e impressionista de «Gaspard de la nuit». São os dois pianos de Ravel, um cristalino e luminoso, um pouco neo-clássico, o outro fantástico e impressionista.

JOSÉ CARLOS PICOTO

ARCO IRIS

(Continuação das págs. centrais)

— Em três idades: aos vinte anos; aos quarenta e aos sessenta, quer dizer, a idade do choque, a idade do chique e a idade do cheque...

*

Jacqueline Bouvier, esposa do candidato democrático, John Kennedy, à presidência da República dos Estados Unidos, interrogada sobre o seu programa na Casa Branca, caso seu marido fosse eleito, respondeu:

— Entre outras coisas, as portas da Casa Branca serão franqueadas, finalmente, aos escritores e aos artistas.

Excelente programa.

*

Se a estatística não passa, realmente, de uma das formas da mentira, de 1920 até hoje foram eleitas 800.000 Rainhas de Beleza. É bonito, não é?

L. O. G.

LANTOR

A ENTRETELA QUE TORNA O CORTE FÁCIL E ECONÓMICO

Publicações

(Continuação das págs. centrais)

mações de carácter económico e financeiro, este número da revista.

«BOLETIM DE INFORMAÇÃO ECONÓMICA» — Relativo a Janeiro-Fevereiro de 1960, editou o Ministério dos Negócios Estrangeiros mais um número desta publicação, especialmente dedicado à participação de Portugal na Associação Europeia de Comércio Livre.

Dão Garrafeira
VINHO TINTO SELECCIONADO
CONSTANTINO